

## **Contribuições do Coletivo Barricadas Abrem Caminhos a um projeto estratégico de universidade da classe trabalhadora e dos povos - SENUP 2011**

(...)Eu aprendi o alfabeto nos letreiros  
folheando páginas de estanho e ferro.  
Os professores tomam a terra  
e a descarnam, e a descarnam  
para afinal ensinar: "Toda ela não passa dum globinho!"  
Eu com os costados aprendi geografia.  
Não foi à toa que tanto dormi no chão.  
Os historiadores levantam a angustiante questão:  
- Era ou não roxa a barba de Barba Roxa?  
Que me importa!  
Não costumo remexer o pó dessas velharias!  
Mas das ruas de Moscou, conheço todas as histórias.

**Minha Universidade - Maiakóvski**

Nós do Coletivo Nacional Barricadas Abrem Caminhos acreditamos que a luta cotidiana e reivindicatória por uma universidade pública, gratuita e de qualidade, erguida por e para a classe trabalhadora é fundamental, mas sabemos também que é preciso ir além do ativismo, sabemos que é preciso hoje projetar a universidade do amanhã, é preciso que hoje formulemos a universidade da emancipação popular, a universidade da classe trabalhadora.

Por isso fortalecemos no movimento uma visão de que para superar os ataques feitos pelos capitalistas a uma educação de qualidade é preciso identificar como estes ataques estão se dando, em nome de quê e de quem, e contrapor estes com um projeto alternativo de universidade, a qual bem sabemos que o movimento estudantil ainda tem pouco acumulado, por isso que é importante fortalecer espaços como o **SENUP** para conseguirmos projetar a universidade que queremos.

Para nós reorganizar o movimento estudantil também é construir e consolidar um projeto estratégico e emancipatório de universidade!

### **Para não partir do Zero: A crítica da universidade que temos!**

É preciso compreender que nada se constrói do nada. A sociedade que queremos será construída com os destroços desta sociedade em que vivemos hoje, por isso o primeiro passo

para construir o novo é destruir o velho, diríamos antes ainda, é preciso primeiro saber como destruir o velho. Pois então, para construir a universidade da classe trabalhadora, a universidade popular, é preciso identificar quais são as mediações que fazem desta universidade de hoje, a universidade burguesa, tão danosa para a classe trabalhadora, entendendo porque ela é forjada desta forma.

Sabemos que hoje a universidade em que cada vez mais a classe trabalhadora está inserida não é uma universidade neutra, portanto reproduz os conhecimentos de uma classe, no caso, a burguesia. Mesmo a universidade não sendo criada por esta classe - a universidade foi criada pela igreja ainda na idade média - a burguesia há séculos domina esta instituição e trabalhou durante muito tempo para moldá-la aos seus interesses, ou seja: transformou a universidade numa fábrica de conhecimentos para geração de lucros!

A universidade no capitalismo tem o papel de formar profissionais para trabalhar com a ciência cada vez mais desenvolvida em prol do desenvolvimento das forças produtivas gerando assim mais exploração do ser humano a troco dos lucros da minoria que exploram a maioria. Isto se agravou com o processo de **reestruturação produtiva** desenvolvido no capitalismo após a “**crise do petróleo**” nos anos 1970. Para “escapar” desta crise os capitalistas investiram num processo de reorganização produtiva que atacava ainda mais os direitos trabalhistas e apostava numa organização do sistema produtivo em que antigo trabalhador operário de “macacão e ferramenta na mão”, fosse paulatinamente sendo substituído por máquinas e homens e mulheres “capacitados” a manusear esse novos equipamentos.

Por isso, fruto destas transformações no sistema produtivo, foi desencadeado um processo de mudança educacional que adaptasse as instituições formadoras para este novo paradigma. Portanto, era fundamental adequar a universidade a esta lógica, forçando mais ainda a universidade para a lógica do lucro.

O que houve de novo é que agora, há a necessidade de instrumentalizar com mais conhecimentos o trabalhador, pois além de apertar parafusos, este terá que saber lher dar com máquinas sofisticadas, como o novíssimo computador. Para tanto a universidade se massificou, está cada vez mais repleta de trabalhadores que estão lá para serem capacitados para um novo mundo de trabalho mais moderno.

Porém este novo momento exigia uma nova universidade, se no momento em que a universidade tinha a como maioria de seus estudantes os filhos da burguesia, e por consequencia tinha um tipo de ensino um tanto ampliado, voltado para formar os dirigentes da sociedade, agora não se pode cometer o erro de dar a chance de um conhecimento “ampliado” aos trabalhadores. Por isso esta nova universidade é completamente **tecnicizada**, onde o tripé ensino-pesquisa-extensão é abandonado, agora com o ensino de conhecimentos estritamente voltados para o âmbito técnico, para trabalhadores que não sejam críticos mas que saibam resolver problemas, sejam eles no comércio, na indústria ou mesmo na sala de aula.

Ao lado deste desenvolvimento tecnicista do ensino e da reprodução dos conhecimentos há a produção de conhecimentos cada vez mais voltados a lógica do mercado. A universidade hoje, salvo suas raras excessões, tem sua organização completamente voltada para produzir ciência e tecnologia para o mercado, de forma que todo e qualquer conhecimento que rompa esta lógica é bloqueado pelas mais diversas formas de impedir que uma produção crítica cresça na universidade. Isto se evidencia pelo tamanho e poder que laboratórios e institutos de pesquisas ganham quando são voltados para produção de conhecimentos para indústrias, ou quando recebem o apoio de alguma empresa por estar fortalecendo os interesses desta, etc.

No Brasil este processo foi amplamente fortalecido pelas iniciativas dos últimos governos (dos militares até a Dilma) de desenvolver uma universidade ligada aos interesses do capital. A **lei de inocação tecnológica**, do governo Lula, por exemplo fortalece a ligação das universidades com as empresas privadas através de “brechas” que as empresas se utilizam expropriar o patrimônio público para o desenvolvimento de pesquisas que vão de encontro aos seus interesses, no desenvolvimento de suas mercadorias. Quando não são pelas “brechas” são descaradamente através do que costumou-se chamar de **repasse de tecnologia**, ou seja: dinheiro público para o desenvolvimento de tecnologias à iniciativa privada. Outra lei que escrachou o caráter privatizante desta nova universidade pública foi o **pacote da autonomia**, que foi criado principalmente para dar “autonomia” para as universidades públicas procurarem financiamento privado e assim vender de vez seu caráter social ao mercado.

Portanto é evidente que para além da disputa por mais qualidade e investimentos na educação brasileira - que por sermos um país de um desenvolvimento desigual temos uma educação ainda completamente escamoteada por sua desvalorização e falta de investimento - é preciso ao mesmo passo construirmos um projeto de universidade que seja ela própria um passo fundamental para a superação deste sistema que nos oprime.

### **E a universidade popular?**

Nós do coletivo Barricadas Abrem Caminhos ainda não temos clareza do que chamar esta nova universidade que urge surgir pelos trabalhadores e pelas trabalhadoras, porém seja com o nome de universidade popular, ou universidade da classe trabalhadora ou escola unitária, uma coisa é certa ela tem que ter seus conhecimentos voltados para a classe trabalhadora e todos aqueles e aquelas que desejam a superação deste sistema de opressão, camponeses, povos tradicionais, marginalizados do sistema em geral.

Por isso um aspecto que será fundamental nesta nova universidade é a **separação entre o trabalho manual e o trabalho intelectual**. Esta divisão histórica foi potencializada pelo capitalismo de modo que há a separação do que se formula e produz daquilo que se re-produz pois no sistema capitalista a produção é altamente beneficiada e moderna e a reprodução é massificada e simplificada. Ou seja, o sistema precisa reproduzir muito para baratear os custos,

então os que estão responsáveis pela reprodução, a maioria, deve ser subjulgada em detrimento dos que produzem ou que detêm os meios de produção. Em uma universidade emancipada do julgo capitalista esta divisão não deve ocorrer, pois devemos nos colocar enquanto iguais para assim produzir um conhecimento ampliado sobre a realidade, que tenha a **totalidade** como principio fundamental na produção de conhecimento e análise da sociedade.

Necessariamente este processo deverá ser construído com **autonomia dos trabalhadores**, ou seja, não dá para dar ao estado burguês o papel de construir uma educação pública voltados aos interesses populares e da classe trabalhadora, esse estado nunca o fará, somente o próprio povo, trabalhadoras e trabalhadores, indígenas, quilombolas, todos e todas oprimidas são capazes de forjar este novo centro produtor de conhecimentos. Por isso outro princípio fundamental nesta universidade popular é o **protagonismo da classe trabalhadora e dos grupos oprimidos**, produção do nosso conhecimento para nós mesmo, nada de atrelamento as instituições comprometidas ao capital. Nesse sentido, devemos seguir o exemplo dos Indígenas do Equador que fundaram a *Universidad Intercultural de los pueblos y nacionalidades indígenas*, educação do povo para o próprio povo!

É preciso que nesta nova universidade o **elitismo do conhecimento** seja superado, construindo um conhecimento que não se baseie nas opressões as diferenças, construir então uma nova análise da realidade que se baseie na existência comum entre as diferenças de **etnias, gênero e sexualidades**, bem como de toda especificidade humana, tornando o ensino e a pesquisa o real meio de difusão e auto-conhecimento humano de uma forma **radicalmente libertária**.

Entendemos então que esta universidade é a **universidade dos iguais**, e que construir ela hoje, fortalecê-la, é a luta estratégica dos movimentos em luta na universidade. Pensar globalmente como construí-la é tarefa imediata para nós que reivindicamos o fim da iniciativa privada na educação, mais verba do estado para educação e as pautas reivindicatórias para constuir junto com o povo uma educação verdadeiramente emancipatória.

<http://barricadas.org>